



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

24 e 25 de fevereiro de 2018

Notícias do Dia
Inspira
"Profissão-Paixão"

Profissão-Paixão / Márcia Maurano / Alto design / Arquiteta / Mestrado /
UFSC / Saccaro



INSPIRA!

Boa gastronomia em casa? Chefes preparam um jantar na sua cozinha.

Lancheiras saudáveis para as crianças levarem para a escola.

MÁRCIA
MAURANO
E O ALTO
DESIGN

Profissão

POR JANINE ALVES
janine.alves@noticiasdodia.com.br

A VENDEDORA QUE VOOU ALTO E SE TORNOU A PROPRIETÁRIA DA LOJA EM QUE TRABALHAVA

Coragem, determinação e competência, três adjetivos que definem a trajetória de Márcia Maurano, arquiteta gaúcha que mesmo antes de escolher a profissão, tinha se apaixonado pela cidade onde queria morar.

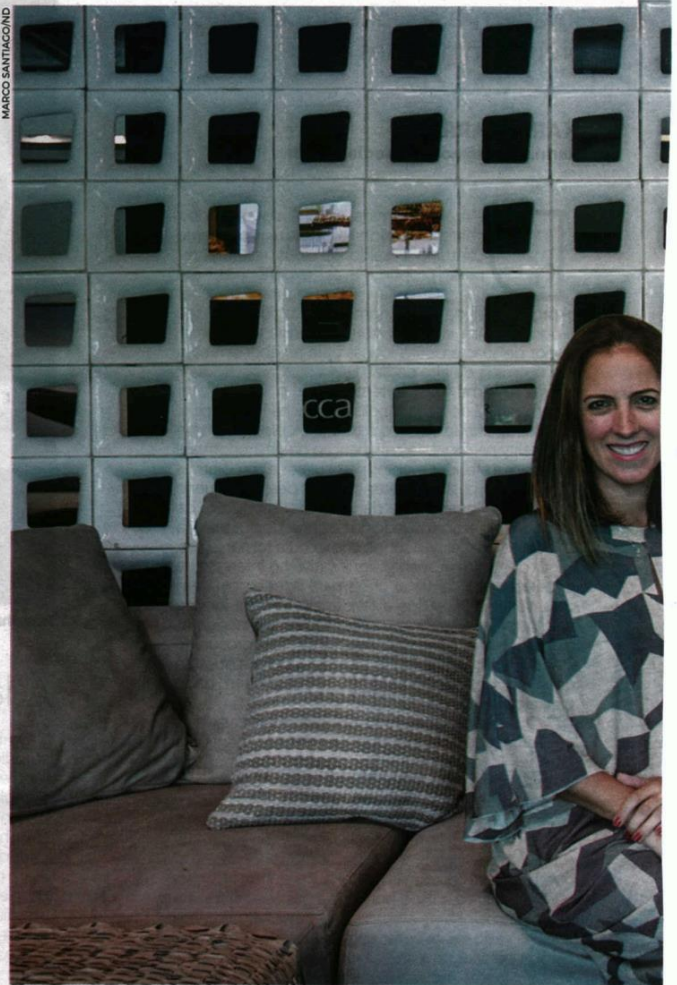
Com o diploma em mãos, Márcia chegou à capital catarinense em janeiro de 2001, um dia após a formatura. Segundo ela foram dois anos muito intensos, mas o caminhar diário despertou um encanto por um pedacinho em particular, uma loja de móveis cujo design despertava o desejo de trabalhar ali. Sim, uma arquiteta formada queria trabalhar numa loja de móveis e a paixão foi à primeira vista. "Quando mudei para Florianópolis passava em frente à loja e ficava encantada com tanta beleza. Sempre afirmava que um dia iria trabalhar ali", relembre, com a determinação que é lhe é peculiar.

Algum tempo depois, ao saber que havia naquela loja uma vaga para vendedora, que ela entrou pela primeira vez na loja. O anúncio pedia que o currículo fosse enviado, no entanto, ela foi até lá pessoalmente para fazer a entrega com a certeza que conquistaria a vaga e conseguiu.

Em dois anos a paixão deu lugar a uma sólida identificação com a marca. A loja até então era um revenda da fábrica, assim como outras lojas espalhadas pelo Brasil e no mundo. Em dois anos, a "vendedora" se destacou, engordou a conta bancária com as comissões, encantou clientes e os gestores, porém a profissão a levava para um mestrado na UFSC. Coincidência ou não na mesma semana em que teria que tomar a decisão para seguir com a vida acadêmica e pedir demissão daquele local que ela tanto gostava, a gerente da loja saiu e voilá: uma nova oportunidade se fez. E ela escolheu ficar e assumir a nova posição.

Em 2008, o modelo de negócio da fábrica foi alterado e surgiu a chance de passar de gerente para franqueada, assumindo a responsabilidade como empresária. "E assim o namoro virou casamento. Cada vez mais fui me apaixonando pelo design e postura adotada pelos donos", recorda a empresária que este ano completa 10 anos como franqueada. E não parou por aí. Sempre inquieta, Márcia foi além e encarou mais um desafio. Tão logo assumiu a franquia na Capital se tornou parte da equipe do Núcleo Catarinense de Decoração (NCD Regional Floripa), entidade da qual a loja já era associada. Segundo a empresária, entidades como esta só agregam os negócios, ainda mais por ter um posicionamento que visa sempre à qualificação de todos os envolvidos da cadeia.

MARCO SANTIAGO/ND



PERFIL: Márcia Maurano é natural de Pelotas, no Rio Grande do Sul, onde também formou-se em Arquitetura e Urbanismo no ano de 2000, pela Universidade Católica de Pelotas, franquiada da marca Saccaro e diretora do Núcleo Catarinense de Decoração Regional Floripa, entidade que agrega 26 lojas do mercado de luxo do design e da decoração da Capital.

- paixão



A arquiteta gaúcha Márcia Maurano agarrou as oportunidades que abriram para ela no mercado de design de alto padrão

MÁRCIA, QUAL O DIFERENCIAL NA TUA CARREIRA PROFISSIONAL E QUE PODE INSPIRAR OUTRAS PESSOAS?

É uma pergunta que eu sempre faço para mim e para as pessoas que estão comigo: tu fazes o teu melhor? Tu fizeste o teu melhor? Interessante, mas a minha resposta é sempre não. Eu sempre penso que a gente pode fazer muitas coisas e muito melhor. Por isso, eu sempre fiz além da minha função. Eu podia dar uma ideia e ficar esperando acontecer, mas eu estava naquela equipe e mesmo sem ter qualquer pretensão 'eu quero ser gerente, nunca pensei'.

LÁ NO INÍCIO, VOCÊ CONSEGUIRIA IMAGINAR O RUMO QUE A TUA VIDA ACABOU TOMANDO?

Quando eu fiz arquitetura eu nunca pensei em ser empresária, em ter uma loja de móveis. Eu pensei que eu iria atuar na arquitetura. E a vida me levou. É um rio que tem várias vertentes. Eu amo o que eu faço, tanto que já estou há 16 anos nesse ramo. Não é perfeito, não é fácil, mas eu amo o que faço.

QUAL O DIFERENCIAL PARA TRABALHAR NESSE SEGMENTO QUE ATUA BASICAMENTE COM AS CLASSES A E B?

Uma coisa importante e que é um diferencial para quem trabalha com esse segmento é gostar de pessoas. De saber a história de um cliente, de saber ouvir e conversar. Ser animada, ser positiva, isso é uma coisa que me ajuda a seguir em frente. Pensar que vai dar certo. Há um

ano nós ganhamos o prêmio como a loja que mais vendeu para o setor corporativo do Brasil. Imagina! Concorrendo com São Paulo, Rio e João Pessoa, com mercados muito maiores do que o nosso. O Núcleo também fez uma pesquisa ano passado chamado NCD Opina, que este ano será feito novamente, e a nossa loja foi o destaque de todas as lojas.

COMO FOI TRABALHAR NUM MOMENTO DE CRISE ECONÔMICA?

Até 2014 foi muito bom para nós. A partir daí deu uma boa piorada. A gente teve que se reinventar. Não deixar de fazer o nosso trabalho, que é o principal, mas procurar novas alternativas. Veio o e-commerce com muita força, mas a Saccaro não tem. É uma das poucas empresas que não tem, temos a mídia, o site e todas as informações possíveis, mas o corpo a corpo, quando o cliente vem e entra na loja é o que faz o nosso diferencial. A pessoa tem que ter a experiência, de sentir, de vir, tocar. A gente tem 70 lojas no mundo e a gente tem que instigar o cliente a vir até aqui. Por isso, a equipe precisa bem treinada, porque o cliente pode chegar com mais informações do que a gente. Então somos obrigados a estudar e temos os canais internos com a marca que nos atualizam. O vendedor hoje é um consultor de vendas.

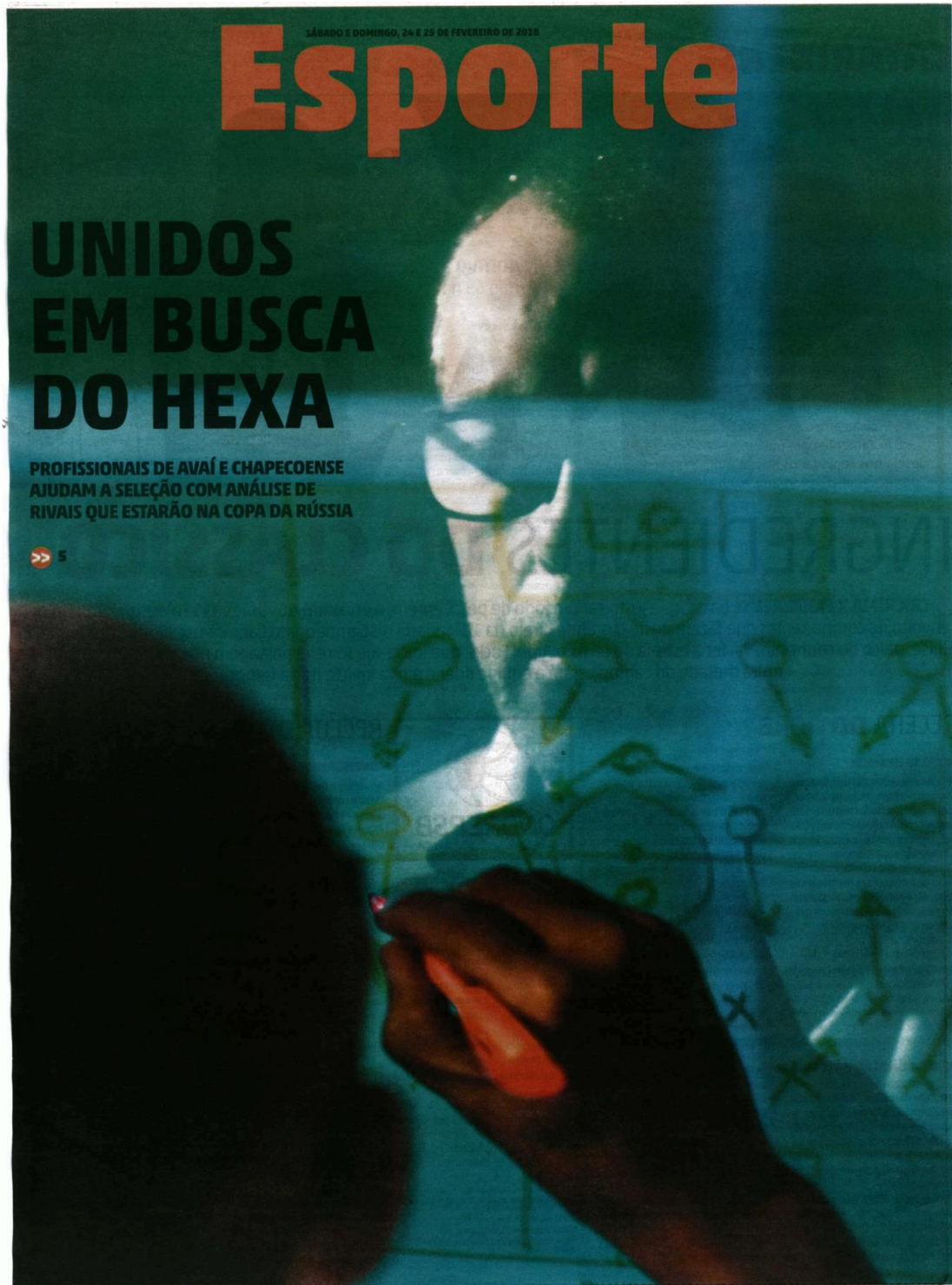
SE VOCÊ TEM ALGUMA DÚVIDA SOBRE O CAMINHO A SEGUIR, MÁRCIA DÁ A DICA:

Não é só atender o cliente, é surpreender. Olhar para frente, acreditar. Vá além da função, mas com comprometimento.

**Diário Catarinense e A Notícia
Esporte**

“Uma mãozinha pelo hexa”

Uma mãozinha pelo hexa / Copa do Mundo da Rússia / Futebol / Seleção Brasileira / Núcleo de Inteligência do Futebol / NIF / Avaí / CBF / Ricardo Henry / Gabriel Dutra / Vinícius Frasson / Matheus Frigo / Estagiários / UFSC / Costa Rica / Chapecoense / Inglaterra / Felipe Sampaio / Centro de Pesquisa e Análise / CPA



COPA DO MUNDO

UMA MÃOZINHA PELO HEXA

PARA AJUDAR A Seleção, analistas de desempenho do Avaí monitoram equipe da Costa Rica, rival do Brasil no Mundial

JOÃO LUCAS CARDOSO
joao.lucas@somosnsc.com.br

Trilado o apito para o início do segundo jogo do Brasil na Copa do Mundo da Rússia, os integrantes do Núcleo de Inteligência do Futebol (NIF) do Avaí torcerão de forma especial por Tite e seus comandados. Desde o ano passado, eles acompanham atentamente a equipe da Costa Rica, adversária da Seleção Brasileira no dia 22 de junho, às 9h, em São Petersburgo. O departamento azulra participa do projeto da CBF que reuniu clubes da Série A de 2017 para analisar as seleções do Mundial. Calhou de o Leão acompanhar os costarriquenhos.

O projeto iniciou em outubro e reuniu 19 clubes da elite nacional do ano passado – o Flamengo ficou fora. A CBF fez sorteio e alguns clubes foram incumbidos de analisar mais de uma equipe. Na época, o Avaí recebeu o pedido de acompanhar o segundo classificado da Concacaf (América Central e América do Norte). Imediatamente, Ricardo Henry, analista chefe do NIF, passou a seguir os Estados Unidos e a Costa Rica.

Enquanto o grupo fazia os relatórios dos últimos jogos da Costa Rica no ano, o sorteio no dia 1º de dezembro indicou que a seleção analisada seria o adversário do segundo jogo do Brasil na Rússia.

– Na época, eu estava envolvido com o último jogo do Avaí no Campeonato Brasileiro, tinha a situação de permanecer ou não. Porém, o pessoal do NIF acompanhou e comemorou muito, me contaram depois. Nossa alegria foi similar a um gol do nosso clube, pela emoção que é trabalhar com a Seleção Brasileira. E ainda ganhamos mais tempo para fazer análise, foi algo sensacional para nós e para o clube. Estamos esperando agora pelos amistosos da Costa Rica em março. E obviamente vamos torcer muito por uma vitória do Brasil, que teria um gosto especial para nós – relata Henry.

Ainda em outubro, ele recebeu do Centro de Pesquisa e Análise (CPA) da CBF guias e formulários para serem preenchidos com dados e as análises da seleção adversária. O trabalho de Ricardo, Gabriel Dutra, Vinícius Frasson e Matheus Frigo – estagiários que estudam na UFSC – ganhou em volume e em companhia. Foram incorporados ao time para esquadrihar a Costa Rica também



Tivemos sorte em dois sorteios. O primeiro na distribuição das seleções em pegar a Costa Rica, uma seleção que permite uma análise profunda porque muda muito pouco seus titulares. O segundo foi o sorteio dos grupos da Copa. Outros clubes chegaram a ficar com duas seleções e nós teremos o privilégio de ter nosso trabalho aproveitado

RICARDO HENRY
chefe do NIF, do Avaí.

Bruno Gonçalo (auxiliar sub-20) e Gustavo Damasceno (aluno da CBF Academy).

O CPA da CBF pede para que embasem as análises, uma por jogo, em quatro itens: organização ofensiva, organização defensiva, bola parada e transição. Cada qual ficou sob a alçada de pelo menos um dos integrantes da equipe e Ricardo Henry responsável pela supervisão do projeto. Todo o material produzido por eles até agora foi entregue dentro do prazo e eles aguardam pelos amistosos da Costa Rica em março (nos dias 23 e 27, contra Escócia e Tunísia) para concluir a empreitada. No entanto, com a liberdade concedida, foram além do pedido feito pelos analistas da Seleção.

– Incluímos algo da nossa prática que é o mapa das ações do adversário. No ataque, por exemplo, se há um lado de campo em que se concentram as jogadas, de que local partem os cruzamentos e se dão resultado – explica.

A participação no projeto modificou a forma que o NIF trabalha. No ano passado, o grupo coletava sete itens da atuação do Avaí e do adversário e colocavam em forma de números, muitas vezes repassados ao técnico Claudinei Oliveira assim que chegava ao vestiário ao término do primeiro tempo. Formato que continua, porém o trabalho com a CBF abriu caminho para outra abordagem.

– Hoje, a gente envia aos jogadores vídeos em lances que tiveram ações boas na partida ou de falhas, apontando como melhorar. Esse trabalho para a CBF mostrou que o setor funcionava bem, mas também possibilitou que pudéssemos evoluir – comemora Henry.



Ricardo Henry (à frente) comanda o grupo formado por Gabriel, Vinícius e Matheus no NIF do Avaí

CHAPECOENSE VAI ESTUDAR A INGLATERRA

DARCI DEBONA

darci.debona@somosnsc.com.br

A Chapecoense ficou responsável por analisar a seleção da Inglaterra e o analista do clube, Felipe Sampaio, disse que vai iniciar o trabalho na próxima semana.

– Uma coisa que tem de específico da Inglaterra e que me motiva é que há um tempo eles jogavam de uma forma difícil de se ver hoje em dia, com três atacantes avançados, sem ter que retornar para marcar o lateral até o fim. Às vezes, variando de um losango para um 4-3-3, que é um esquema pouquíssimo utilizado hoje em dia, mas que eles

adaptaram – citou.

Felipe Sampaio disse que no ano passado, quando ainda estava no Santa Cruz, chegou a mostrar isso para o técnico Vinícius Eutrópio, que foi quem lhe levou para a Chapecoense, ainda como auxiliar técnico.

Ele terá que fazer um relatório individual e coletivo da seleção inglesa e para isso vai utilizar plataformas “online” para assistir aos jogos e obter estatísticas. Também vai analisar sites de notícias para saber como estão os jogadores e ver os jogos dos times em que eles atuam, principalmente os que não são titulares da seleção.

– Tem que fazer um trabalho

minucioso pela relevância desse estudo. Para mim, representa muito fazer parte disso. Quem trabalha com futebol sempre quis participar de uma Copa do Mundo de alguma forma. É uma maneira de poder ajudar a Seleção e mostrar meu trabalho – destacou.

Na visão do analista, este trabalho também pode mostrar a importância dos profissionais nos clubes. Ele conta que na Europa tem clubes com 30 a 40 profissionais para observação e, no Brasil, mesmo os principais clubes, têm dois ou três. Na sua avaliação, o investimento na área poderia trazer mais benefícios para todos os clubes.

Diário Catarinense e A Notícia Yasmine Holanda Fiorini "Homenagem a Sylvio Back"

Homenagem a Sylvio Back / Zeca Pires / Secretaria de Cultura e Arte /
Departamento Artístico Cultural / UFSC / Cinema



**YASMINE
HOLANDA
FIORINI**

✉ yasmine.fiorini@somosc.com.br
🌐 revistaversar.com.br
📱 @yasmineholanda

HOMENAGEM A SYLVIO BACK

FIGURA MÍTICA DO CINEMA BRASILEIRO,
O CINEASTA CATARINENSE ENCERRA AS
COMEMORAÇÕES DOS 80 ANOS COM
MOSTRA NA CINEMATECA BRASILEIRA

A mostra que celebra os 80 anos do catarinense Sylvio Back, um dos mais prolíferos cineastas brasileiros, está em cartaz até este domingo na Cinemateca Brasileira, em São Paulo. *Sylvio Back 8.0 - Filmes Noura Margem*, que estreou em Florianópolis em setembro, exibe 12 longas remasterizados de Back, que, apesar de ter vivido a maior parte da vida no Paraná e no Rio de Janeiro, tem uma obra conectada ao Sul do país. A seleção de longas-metragens da mostra, por exemplo, tem obras ligadas à história de Santa Catarina. São elas: *A Guerra dos Pelados*, *Aleluia*, *Gretchen*, *Cruz e Sousa - O Poeta do*

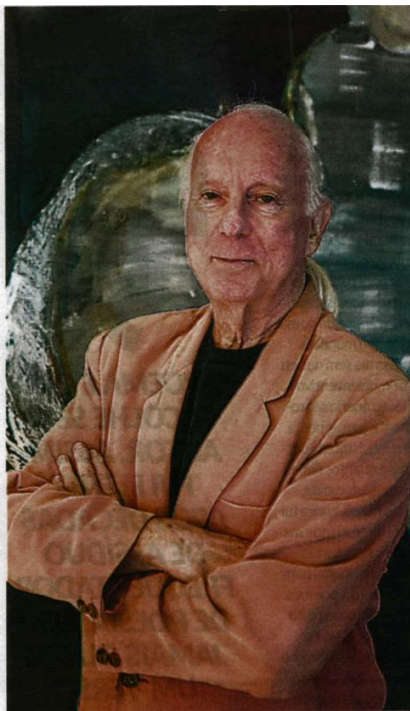
Em sua carreira, você tocou em feridas sociais e pautou-se por temáticas políticas. Como esses temas vêm sendo tratados pelo cinema brasileiro hoje?

Se fosse fazer filme sobre o fascinante momento político atual, seja doc, ficção ou mix de ambos (penso que caberia bem um docudrama), continuaria fiel ao cinema desideologizado com que venho carimbando minha obra desde os anos 1960. São fotografias plenas de dúvidas, além de incrédulos sobre toda e qualquer utopia, à direita ou à esquerda, o que acabou contaminando os filmes por vir e do porvir! Em outras palavras, apostaria no dissenso, na discussão equidistante das paixões ora em cartaz, sem procurar fundar verdade

Destero e O Contestado - Restos Mortais.

Filho de imigrantes e nascido em Blumenau, Back é também poeta, roteirista, escritor e produtor, com 38 filmes e 25 livros lançados. Recebeu de Glauber Rocha o apelido de "Cacique do Sul", alcunha recentemente atualizada para "Cacique do Brasil" por Cacá Diegues em correspondência com o também catarinense Zeca Pires, cineasta que assina o texto de abertura do catálogo da mostra. Por email, Sylvio Back falou comigo sobre as temáticas recorrentes em sua obra, o trabalho em prol dos direitos autorais, literatura e, claro, cinema. Boa leitura!

alguma, nem levar o espectador pelas mãos. Mas fiel a mim mesmo, insubmisso a ideários servis e ao código narrativo de plantão. Ao contrário, faria nova obra aberta, isenta de palavras de ordem ideológica, política ou estética, entregando ao espectador a liberdade de decidir o que a tela evidenciar, sem induzi-lo a quimeras de poder ou a saídas fora do espectro do livre pensar e dentro das sagradas idiosincrasias de cada um. Faço um cinema que desconfia, na jugular das minhas atenções, intenções e pretensões éticas e existenciais, tanto recriando como promovendo colagens/bricolagens com obra de terceiros nos já citados "docudramas". Jamais filmei flertando com o público, a mídia ou a



FABRÍCIO MENDES/DIVULGAÇÃO

Back é também poeta, roteirista, escritor e produtor

“

**FAÇO UM CINEMA
QUE DESCONFIA,
NA JUGULAR
DAS MINHAS
ATENÇÕES,
INTENÇÕES E
PRETENSÕES**

crítica. Nessa atitude instintivamente na outra margem do estatuído (que me define desde a juventude!), talvez resista aí alguma dificuldade, não por acaso, de uma historiografia de corte unívoco do cinema brasileiro, em reconhecer a incontornável estética e ética da minha obra, algo "torta" (talvez, por ser tortuosas!), cuja validade é inoxidável se

comparada ao que se tem produzido, majoritariamente, nos últimos cinquenta anos.

Você também levantou questões da região Sul que não costumavam ser tema de filmes brasileiros. Foi algo natural?

Nascido em Santa Catarina, 50 anos de Paraná e hoje há 32 no Rio, uma coisa é certa: jamais premeditei realizar uma obra que resgatasse as mais candentes temáticas do Extremo Sul. Foi acontecendo à medida que fui me dando conta que o cinema brasileiro, rala e raramente, virava suas câmeras para este fascinante Brasil imigrante e portunhol. E quando o fazia, era folclorizando como se este inestimável gomo da brasilidade, a potente presença de imigrantes europeus e a permeabilidade político-social e cultural das nossas fronteiras com o Paraguai, Uruguai e Argentina não tivessem o poder telúrico de amalgamar o que jamais poderia ser separado, um país multiétnico e indivisível por excelência! Meu cinema se imiscui nessa com toda poesia e premissa histórica, geográfica e antropológica. Não foi por acaso que Glauber Rocha, referindo-se a meus filmes, me chamou de "cacique do Sul", expressão recém atualizada por Cacá Diegues no meu aniversário em julho passado para "cacique do Brasil".

Você também tem um forte diálogo com as letras, além de se aventurar na literatura e poesia. Como é filmar romances? E o que mais, na arte, te sensibiliza?

Reside aí, nessa pergunta, um fato que esmaece com o tempo e se refunde quantitativamente na consciência a cada busca que se faz para recapturar o átimo da epifania. Desde adolescente, leitor voraz e voraz do cânone da poesia e da literatura brasileiras e mundiais (desde então, não passa dia sem que eu leia um poema!), o azimute inventivo mirava para a escrita: eu queria ser romancista. Curiosamente, jamais poeta. Como o cinema me conquistou, só posso creditar aos tantos e quantos filmes americanos e europeus (autodidata, aprendi a filmar vendo filmes, nunca fui assistente de nenhum diretor!) que me conflagraram ainda de calças curtas, vendendo gibi na porta do cinema para financiar a entrada! Quanto à poesia, a mais imponderável criação do espírito humano, só fui tomado por ela já homem maduro, aos 48 anos. É truismo: o poema é que escolhe seu autor, assim, fui eleito após décadas de assíduo frequentador de poesia, sem jamais, no entanto, ousar um verso sequer. Em fins de 1984, acometido por uma avalanche de inesperadas e sofridas estrofes, fruto de uma tragédia existencial, o infausto teve, ao menos, o dom de detonar uma usina de poesia que eu nem suspeitava existir. E, desde então, além de descobrir impensado veio erótico salpicado de humor do meu fabro (Amor & humor, como epigrafa Oswald de Andrade), e uma dezena de livros publicados. Sim, ao resenhar meus oitenta anos, daí essa ânsia que me acolhe e recolhe, como criador, pela refundação memorial da coisa feita, da coisa por fazer, do legado fechado e a ser concluído, antes que sejamos atropelados pelo esquecimento, o perverso mantra que nos persegue desde quando damos a lume a primeira criatura!

Você é presidente da Diretores Brasileiros de Cinema e do Audiovisual (DCBA), em defesa dos direitos autorais dos diretores do audiovisual. Quais os objetivos e os desafios da entidade?

Nestes quase três anos de existência da DBCA, inédita entidade integrada por um colegiado de cineastas, focada na arrecadação e distribuição de direitos autorais no Brasil e do exterior, acabamos descobrindo um fato alarmante entre os quase trezentos profissionais já filiados com mais de mil obras registradas: muitos diretores desconhecem o fato de que, além de serem pagos para realizar o filme, telenovela, minissérie,

“
”
**O POEMA É QUE
ESCOLHE SEU
AUTOR, ASSIM,
FUI ELEITO
APÓS DÉCADAS
DE ASSÍDUO
FREQUENTADOR
DE POESIA, SEM
JAMAIS OUSAR
UM VERSO**

documentário ou animação, a relação autoral com a obra permanece. É umbilical, sua assinatura é como se fora um DNA, intransferível e irrenunciável, como se diz no jargão jurídico. Pois ficam ali embutidos bens imateriais que, pela tecnologia, se harmonizam graças ao talento, expertise, conhecimento, cultura de seus criadores. Assim, toda vez que o audiovisual tiver comunicação pública, esse manancial de invenção deve e precisa ser corretamente remunerado. Sejam cineastas, músicos, roteiristas, intérpretes, essa autoria, única por vez, é o nosso patrimônio. São fotografias, diálogos e pentagramas únicos, e deles depende nossa sobrevivência, digna e virtuosa. E, também, da própria vitalidade, abrangência e renovação da cultura, da arte e do entretenimento de uma nação. Afinal, sem diretor não tem filme, telenovela, minissérie, documentário ou animação. Simples assim! De imediato, na condição de presidente da DBCA, o que posso revelar é que existem represados milhares de euros, dólares e pesos devidos a diretores brasileiros de cinema e TV cujas obras circulam há anos pelo mundo. Essa fortuna em direitos autorais poderá ser destinada aos seus legítimos detentores por força de acordos de reciprocidade assinados pela DBCA com entidades congêneres da Argentina, Colômbia, Chile e México, além da negociação com sociedades

da Europa. Em breve, quando formos habilitados para trazer ao país esses direitos pelo Ministério da Cultura, que no momento analisa nosso pleito contemplado pela Lei do Direito Autoral, será a primeira vez no Brasil que os nossos criadores terão compensação financeira por seus filmes lançados no exterior.

Você tem uma longa carreira no cinema, mas sua obra está à margem do entretenimento e dos grandes movimentos. Como era viver de cinema no Brasil quando você começou a carreira e como é hoje? E por que o cinema brasileiro ainda não atrai boa parte do mercado interno?

Nunca foi fácil fazer cinema no Brasil, ainda que nos últimos anos, aleluia!, tenha aumentado substancialmente o volume de dinheiro para filmar. Assim mesmo, cada cineasta vê-se, desde o primeiro filme, a formatar, além da criação, sua própria indústria. Ou seja, é obrigado a levantar os recursos para o filme (*movie is money*, se diz em Hollywood), realizá-lo (muitas vezes sem conseguir chegar à primeira cópia ou até jamais conseguir colocá-lo na telona), preparar o lançamento, o que significa procurar distribuidor e exibidor, e é quando se acaba descobrindo que navegamos no *showbiz*, território da imponderabilidade propriamente dita. Alguém está disposto a assistir às nossas criaturas, e como dar conta das dívidas feitas em nome do voluntarismo que anima qualquer criador? Olhando no retrovisor, muitas vezes nem acredito ter feito 38 filmes, entre curtas, médias-metragens e doze longas, escrito e publicado 25 livros (dez roteiros, nove de poesia e os demais, ensaios sobre cinema). Não sei se começando agora, chegaria até lá!

O que ainda falta filmar? Você tem novos projetos?

Sou um criador *full time*, portanto, tenho uma cesta cheia de projetos, sejam cinematográficos, sejam literários. Pela ordem, na agulha minissérie intitulada *Making of Curitiba*; roteiro de minissérie sobre a Guerra do Contestado, a ser dirigida por Zeca Pires, e o longa em preparo, *A história é teimosa*. No conto, a sair, *O himeneu*; e na poesia, *Silenciário*, obra reunida de poemas escritos dos últimos vinte anos.

Aqui em SC, há queixas dos produtores em relação ao Prêmio Catarinense de Cinema. Você visualiza outro modo de garantir a sustentabilidade de uma produção audiovisual, além dos editais? Como é sua relação com o Estado, acompanha a produção catarinense?

Como não moro no Estado, fica difícil avaliar os entraves e soluções. De qualquer forma, sempre acompanho a produção que, ultimamente, é intensa e extensa, de jovens a nomes consagrados, espelho virtuoso de uma inusitada vitalidade criativa! Nesse quesito devo sublinhar que SC jamais me faltou. Basta ver como a UFSC tanto viabilizou a produção do doc de longa-metragem, *O Contestado - Restos Mortais* (2010), quanto deu regra e compasso a que o evento em comemoração aos meus oitenta anos tivesse repique nacional. Por sinal, que nesta semana se encerra em grande estilo na Cinemateca Brasileira. Mas tudo começou aí sob a égide da Secretaria de Cultura e Arte e do Departamento Artístico Cultural, ambos da UFSC; da Cinemateca Catarinense e da Fundação Catarinense de Cultura. Melhor, impossível, hein? Aliás, sinto-me sempre muito agradecido e orgulhoso, filho de Blumenau, de ter tantos projetos criados e exibidos em cinemas, TV e disponíveis em DVD, tematizando a original história, cultura, arte e ecologia do Estado. De Cruz e Sousa ao Contestado (com dois filmes, o citado e *A Guerra dos Pelados*, hoje um clássico na luta pela posse e contra a usurpação da terra no Brasil), da Revolução de 30 aos influxos nazistas e integralistas durante a II Guerra Mundial, da heroica saga dos imigrantes europeus à extinção do pinheiro em escala industrial.

“
”
**SOU UM CRIADOR
FULL TIME,
PORTANTO,
TENHO UMA
CESTA CHEIA
DE PROJETOS,
SEJAM NO
CINEMA, SEJAM
LITERÁRIOS**

Diário Catarinense e A Notícia
Caderno Nós
"Disputa de veteranos"

Disputa de veteranos / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina /
Candidatos / Edson Roberto De Pieri / Departamento de Automação e
Sistemas / CTC / Centro Tecnológico / Irineu Manoel de Souza / CSE /
Centro Sócio-Econômico / Ubaldo Cesar Balthazar / CCJ / Centro de
Ciências Jurídicas / Reitor pro tempore / João David Ferreira Lima /
Inscrição / Reitor / Vice-Reitora / Alacoque Lorenzini Erdmann / Ex-reitor /
Luiz Carlos Cancellier de Olivo / Suicídio / Eleição / Comissão Eleitoral da
UFSC / MEC / Ministério da Educação / Ministro da Educação / José
Mendonça Bezerra Filho / Conselho Universitário / Gestão / Transparência /
Autonomia / Autoestima / Corregedor / Rodolfo Hickel do Prado / Fundações
de Apoio / Capes / Fapeu / Feesc / Fepese / Funjab / TCU / Polícia Federal /
Operação Ouvidos Moucos / MPF / Ministério Público Federal / Ensino a
Distância / EaD



DISPUTA DE VETERANOS

Três diretores de centros de ensino com décadas dedicadas à UFSC oficializaram a intenção de assumir a reitoria e administrar orçamento de R\$ 1,4 bilhão

LEONARDO THOMÉ
leonardo.thomé@somosnsc.com

A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) finalizou na quinta-feira o processo de inscrição dos postulantes ao cargo de reitor na maior universidade catarinense. Três professores, também diretores de centros de ensino, todos com décadas de dedicação à instituição, disputarão nas urnas a sucessão na cadeira da reitoria: Edson De Pieri, diretor do Centro Tecnológico (CTC); Irineu de Souza, diretor do Centro Sócio-Econômico (CSE); e Ubaldo Balthazar, diretor do Centro de Ciências Jurídicas (CCJ) e reitor temporário da UFSC desde o afastamento da vice-reitora Alacoque Erdmann, ocorrido dias depois do suicídio do ex-reitor Luiz Carlos Cancellier de Oliveira.

A eleição, cuja comissão eleitoral aguardará até esta segunda-feira eventual pedido de impugnação de alguma candidatura, ocorrerá em primeiro turno no dia 28 de março e, em segundo turno, se for necessário, em 11 de abril. As datas, definidas dentro da universidade, ainda não receberam a chancela do Ministério da Educação (MEC), que inicialmente não concordava com esse calendário - queria que em março tudo estivesse definido. A UFSC solicitou aprovação das datas fixadas pela Comissão Eleitoral e homologadas pelo Conselho Universitário, mas o ministro da Educação, José Mendonça Bezerra Filho, ainda não respondeu ao pedido.

Independentemente disso, a campanha nos corredores e bosques do campus da Trindade, bem como em Joinville, Curitiba, Araranguá e Blumenau, já começou e promete esquentar no decorrer de março. A disputa tende a ser equilibrada, com dois "veteranos" de urnas na UFSC, De Pieri e Irineu, segundo e terceiro colocados respectivamente no pleito de 2015, e o decano Ubaldo Balthazar dando sequência ao programa de administração do ex-reitor Cancellier. Professores, técnicos e alunos regularmente matriculados estão aptos a votar, em condições paritárias para eleger o futuro reitor. A eleição na UFSC, que tem uma população acadêmica de cerca de 40 mil pessoas, envolve um orçamento na casa de R\$ 1,4 bilhão em 2018 - a título de comparação, o orçamento da capital, Florianópolis, é de R\$ 2,47 bilhões.

A eleição na UFSC definirá o nome do novo reitor pelos próximos quatro anos. O mandato de vice, ocupado pela professora Alacoque Erdmann, continuará sendo exercido por ela até 2020, quando haverá a escolha de um novo nome para o cargo. Depois de concluído o pleito eleitoral na UFSC, ainda não há data definida para a posse, pois é preciso encaminhar o nome do vencedor ao MEC e aguardar trâmites burocráticos.



PRINCIPAL DESAFIO DA UFSC

DE PIERI

GESTÃO TRANSPARENTE

Tem um grande problema de gestão. Há pouca transparência nos atos. E isso provavelmente tem causado a maior parte dos problemas. Eu acho que essa é a questão principal que temos de focar desde o início. Ou seja, se há algum tipo de denúncia, se há algum tipo de dúvida sobre determinados procedimentos, é porque eles também não estão suficientemente transparentes. Essa é a minha opinião. Falta transparência nos atos da gestão, na alocação de recursos quando vai para as fundações, e isso precisa ser claro e bem divulgado. É preciso criar o Portal da Transparência da UFSC.

IRINEU

RESGATE DA AUTONOMIA

O principal desafio será resgatar a autonomia da universidade. Também fazer um processo de maior transparência, usar as competências da UFSC para ter controles internos dos gastos públicos por meio de um sistema eficaz, que realmente fique claro para toda a sociedade quantos recursos chegam e quantos recursos são aplicados. E a universidade tem todas as possibilidades técnicas e pessoas capacitadas para fazer esses procedimentos mais eficientes. Existe uma demanda da sociedade em cima de todas essas questões, então todos

querem saber como a universidade vai se portar daqui para frente. Na questão humanística, a universidade também ficou muito fragilizada com todo esse processo e demais acontecimentos, por isso é preciso haver um chamamento de toda comunidade, dos alunos, docentes e servidores técnico-administrativos para aproximar mais a universidade da sociedade.

BALTHAZAR

RECONQUISTA DA AUTOESTIMA

Um dos grandes desafios é fazer a UFSC reconquistar a sua autoestima. Recuperar o bom nome da UFSC. Nós estamos trabalhando com isso, como reitor pro tempore. Nós conseguimos dar uma certa estabilidade. Temos hoje uma equipe de trabalho que foi a montada pelo professor Cancellier e a meu pedido voltou (depois do episódio envolvendo a vice-reitora Alacoque e o corregedor Rodolfo). Eu fiz a solicitação a todos pró-reitores, assessores e diretores que voltassem, e todos voltaram. É uma equipe que tem trabalhado firme, que trabalha pela universidade. Eu diria que hoje, com toda tranquilidade, ouvindo as pessoas, nós estamos reestabelecendo o bem estar da UFSC. O desafio para os próximos quatro anos é manter essa paz, essa tranquilidade da UFSC baseada naquele tripé de ensino, pesquisa e extensão.

> QUEM CONCORRE <

Aos três candidatos à reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina foram submetidos seis temas. A seguir, confira o que os postulantes ao cargo de reitor pensam sobre cada uma delas



EDSON DE PIERI

Engenheiro de automação, robótica e mecânica, professor-doutor do Departamento de Automação e Sistemas e diretor do Centro Tecnológico. Tem 25 anos de atuação na UFSC e 57 anos de idade.



IRINEU DE SOUZA

Doutor em Gestão do Conhecimento. Aos 62 anos, 43 deles na UFSC, foi aluno e técnico antes de ser professor e diretor do Centro Sócio-Econômico.



UBALDO BALTHAZAR

É advogado, doutor em Direito, decano do Conselho Universitário, diretor do Centro de Ciências Jurídicas e reitor pro tempore (temporário) desde outubro. Tem 65 anos, 40 deles atuando na UFSC.

RELAÇÃO COM AS FUNDAÇÕES DE APOIO

DE PIERI

Transparência

A transparência é exatamente para que não haja dúvidas no trabalho das fundações. Elas fazem um trabalho que, sem ele, não haveria outro jeito de tocar a universidade na atual legislação. No entanto, como não há transparência, fica muitas dúvidas sobre as fundações. E procedimentos que são corretos muitas vezes são induzidos por algum coordenador que pede para a fundação fazer algo que não está dentro da legislação que a Capes ou que os órgãos financiadores promovem. Então, muitas vezes há acusação, digamos assim, injusta, com as fundações. A universidade devia ter uma secretaria de relações diretas com as fundações, inclusive para controlar salários de professores que muitas vezes ultrapassam o teto, porque as fundações não têm esses dados, quem tem é a universidade. Mas as acusações vão sempre em cima das fundações. Então, é nesse ambiente transparente que eu te digo que a secretaria faria o trabalho de interlocução com as fundações e teria o controle de, por exemplo, saber se um professor

A recebe uma complementação de uma fundação, e uma complementação B de outra fundação, se as duas fundações juntas dão o teto (salarial), a universidade tem como saber, mas a fundação, não. Porque ela só olha aquilo que está pagando. E veja a injustiça que fica sobre a fundação. Esse tipo de controle que é necessário. E isso também vale para as outras formas de alocação de recursos.

IRINEU

Transparência

O que precisamos é colocar tudo que envolve as fundações com mais transparência. Precisamos, como tudo que é público, disponibilizar todo tipo de informação sobre elas. As fundações existem para apoiar a universidade, e a universidade precisa mostrar como os recursos foram e são aplicados, sempre. Todas as ações precisam ser pensadas na transparência, porque é a partir disso que veremos se os recursos estão sendo aplicados no que é o mais importante: o ensino, a pesquisa e a extensão.

BALTHAZAR

Harmonia

As fundações exercem um papel importante para captação de recursos na universidade. E isso é um fato concreto. Nós vamos procurar manter uma relação harmoniosa com as fundações, mas dentro daquela ideia que a fundação é necessária. Nós vamos continuar esse trabalho, mas evidentemente, as fundações são de direito privado, não um órgão público. Tem a própria administração e obedece a uma legislação que regula essa relação entre a universidade e ela, a fundação. Quatro fundações de apoio funcionam junto à UFSC: Fapeu, Feesc, Fepese e Funjab. E a nossa relação vai procurar ser amistosa, mantendo uma relação de trabalho. Evidentemente, quando a gente ouve que teve desvio de dinheiro, precisamos também investigar. Se foram praticados ilícitos, que seja apurado e punido. Ninguém vai tolerar falcatruas na universidade. Agora, que haja o devido respeito ao processo legal. Dando-se o direito de defesa a quem foi acusado.

PROFESSORES AFASTADOS POR SUSPEITA DE FRAUDE

DE PIERI

Problema a ser resolvido

Eu falei pessoalmente com dois deles. É uma situação bastante difícil. Do meu ponto de vista, eles já deram todas as informações que eram necessárias para o andamento do processo. A gente não sabe em que pé está o processo, mas o próprio TCU já disse que não vê nenhum problema que eles voltem. Na semana passada, eu recebi uma decisão do TRF4 que negou o pedido de um deles para voltar. Então, como a gente não sabe o andamento do inquérito, eu não quero falar em nome da Polícia Federal e não sei quais as razões que eles não estão permitindo a volta dos professores e o próprio recurso de um deles não foi aceito. Mas eu vejo hoje que isso é um problema. Não sei como o Departamento de Administração fecha a carga horária dos professores, porque deve ter gente lá que está com o dobro de aulas para cobrir esses professores. Porque hoje não se tem nem o direito de ter um substituto para o lugar deles.

IRINEU

Esperamos a solução

São ausências no quadro da universidade e realmente é lamentável, porque a UFSC precisa desses professores, já que não foram contratados outros professores. Nós lamentamos, porque esperávamos que fosse uma situação resolvida rapidamente. É claro que nós não conhecemos a fundo todo o processo, mas lamentamos que não há uma conclusão ainda. As coisas deveriam ser mais claras e céleres, com a conclusão da investigação e o retorno desses professores às atividades acadêmicas.

BALTHAZAR

Decisão foi precipitada

É o absurdo dessa situação. Há um parecer do TCU recomendando que eles voltem. Agora estamos aguardando a manifestação do Ministério Público Federal nesse processo todo. É um absurdo o que aconteceu e está acontecendo ainda. São pessoas que estão sendo investigadas, não existe nenhuma acusação formal contra eles ainda, e estão nessa situação que não podem trabalhar e nem voltar à universidade por uma decisão que eu julgo foi precipitada.

ENSINO A DISTÂNCIA

DE PIERI

Mudanças

A gente está discutindo isso. Nós vamos fazer o que fazem as melhores práticas de ensino a distância do Brasil. É uma ferramenta fantástica, que tem ajudado muito a reciclar e melhorar a formação dos professores, mas que não deveria ser feita dessa forma. Deveria, sim, ser institucionalizada dentro da universidade, assim como é a pós-graduação. A pós-graduação, no passado, os recursos também tinham a necessidade de ser descentralizados, passar por fundação. E, depois de um tempo, isso foi mudado. Hoje cada programa gerencia os recursos que tem e há um gerenciamento geral na corregedoria de pós-graduação. Então, nós deveríamos fazer o mesmo com o ensino a distância.

IRINEU

Institucionalização

O EaD, desde 2011, quando nós pela primeira vez concorremos à Reitoria, e depois em 2015, o que sempre colocamos é a institucionalização do Ensino a Distância na universidade. Precisa institucionalizar, o vestibular precisa ser o mesmo, o sistema acadêmico o mesmo, o regulamento de graduação e cursos da universidade também devem ser os mesmos para o EaD. As atividades dos professores também devem fazer parte do plano de acompanhamento dos docentes, tudo para que isso esteja dentro da universidade, mais visível e institucionalizado, para que a gestão seja mais específica e possamos estar com isso tudo dentro da UFSC.

BALTHAZAR

Investigação

O ensino a distância eu diria que tem seu futuro garantido. Nós não podemos dizer que vamos acabar com ele. O próprio MEC estimula isso. Algumas universidades estão tendo problemas por causa dessas denúncias. Nós estamos passando por um momento de dificuldade com o financiamento do ensino a distância. Mas não vamos dizer que em função disso vamos acabar. Precisamos é colocar ordem na casa, verificando o que aconteceu, se aconteceu, por que aconteceu, se houve desvios. É preciso investigar, mas investigar com seriedade, não com esse esquema que houve, sem ninguém saber nada e quando vê o reitor é preso, sem acusação formal.

INQUÉRITO DA OUVIDOS MOCOS

DE PIERI

Mexerá com as eleições

Eu acho que prejudica. Sinceramente, acho que está um pouco longo esse inquérito. Então, prejudica no sentido de que há muitas acusações, que em muitos casos não se sabe se estão corretas ou não. Você pode dar opinião, mas não falar certamente o que aconteceu. E isso, certamente, vai mexer com as eleições, porque dependendo do teor do inquérito, se sair em meio às eleições, imagine o quanto isso não pode interferir na eleição. Porque o ideal é que a eleição fosse definida por propostas, por visões de uma universidade moderna, e não porque o inquérito acusou o professor A, o professor B ou disse que não havia nenhuma acusação válida. O resultado do inquérito, dependendo quando sair pode mudar totalmente o rumo da eleição.

IRINEU

Prejuízo à imagem da Universidade

Isso prejudica principalmente a imagem da universidade. E esse é um ponto que precisamos resgatar, porque a UFSC é uma universidade de qualidade, qualquer levantamento que se faça ela sempre fica, pelo menos, entre as 10 melhores universidades do Brasil. Na última avaliação, a UFSC ficou como a 4ª melhor universidade pública federal do país. Então, é uma universidade pública importante. Nós temos um número muito grande de professores, cerca de 2.300,

praticamente todos com doutorado, são poucos que não tem o título de doutor, além de um quadro de servidores técnico-administrativos muito bem estruturado, e de alunos que passam por um vestibular muito sério, bem elaborado e onde só os melhores entram na UFSC. Então, temos todo esse potencial, mas naturalmente precisamos resgatar a imagem da universidade, porque o que aconteceu (Operação Ouidos Moccos) é uma disfunção. A UFSC certamente não é isso que aconteceu. Nós pensamos em envolver e fazer com que todos os segmentos da universidade participem, pensem e façam uma nova gestão, tendo um caráter acadêmico, transparente, humanitário e aprimorando os processos de controle e se aproximando mais da sociedade.

BALTHAZAR

Aguardamos conclusão

Eu procuro separar essas coisas, porque a universidade recomeará suas aulas agora no dia 26. Na próxima semana (esta), vamos iniciar as matrículas e as aulas recomearam com tranquilidade, sem maiores problemas. O inquérito continua correndo, digamos assim, há cinco meses, e estamos aguardando uma conclusão, o prazo vai até meados de março, lá pelo dia 15, 20 de março. Seja de que forma concluíam esse inquérito, nós vamos trabalhar com resultados e vamos ver o que fazer dependendo do que seja concluído. A polícia entregará para o MPF, que decidirá se oferece denúncia ou arquiva. Vamos trabalhar com o que aparecer.

CLIPPING DIGITAL

24/02/2018

[Tradução autoral recria trechos de 'Finnegans Wake', de James Joyce](#)

[Coronel PM Carlos Alberto de Araújo Gomes Júnior é novo comandante-geral da Polícia Militar de SC](#)

[Profissionais do Avaí dão uma mãozinha para a Seleção em busca do hexa](#)

[Governador empossa novo diretor-geral do Instituto Geral de Perícias](#)

[Cientistas alertam que 'Vale dos Dinossauros', pode estar sendo extinto](#)

25/02/2018

[Castro Alves e o "Navio Negreiro"](#)

[Biografia: Ulysses gaboardi](#)

[Professora da Unesc desenvolve pesquisas nos Estados Unidos](#)

[Trajetória: vendedora que voou alto e se tornou a proprietária da loja em que trabalhava](#)